

ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO NO “FALA JOVEM”: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Renata Greco de Oliveira
Doutora-pesquisadora em Projeto do Programa de Gestão Integrada do Território (GIT)
renata.greco@univale.br

Áquila Mendes Pinto
Estudante de iniciação científica do curso de graduação em Pedagogia
aquila.pinto@univale.br

Linda Carten Stevan Lopes
Estudante de mestrado do Programa de Gestão Integrada do Território (GIT)
linda.lopes@univale.br

Edmarcius Carvalho Novaes
Doutor-pesquisador e professor do Programa de Gestão Integrada do Território (GIT)
edmarcius.novaes@univale.br

RESUMO

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa e extensão “Fala Jovem”, sobre violência na escola, realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Israel Pinheiro, em Governador Valadares. O objetivo é refletir como gênero, enquanto marcador social da diferença, surge nas falas de jovens participantes do projeto. O projeto em andamento traz um recorte teórico sobre violência na escola e juventude e de outras discussões que perpassam a violência escolar e podem ser ou impactar marcadores sociais da diferença. Com uma metodologia de pesquisa-ação, a coleta de dados acontece por meio de oficinas, utilizando estratégias didático-pedagógicas que oportunizam a expressão (fala) dos participantes. Ao final de cada oficina é aplicado um questionário de percepção da oficina e da temática trabalhada. Ao se expressarem nas rodas de conversa, independente da temática, as questões de gênero emergem tanto nas falas quanto nas dinâmicas vivenciadas. As jovens, ao abordar questões de comportamento, estética e repertório cultural, apresentam maior conhecimento e capacidade de argumentação dos que os jovens. Ainda é precoce uma conclusão sobre essas observações, contudo, as falas femininas evidenciam mais consciência crítica sobre padrões impostos a gênero, apontando resistências e estratégias de legitimação.

Palavras-chave: Gênero, Juventude, Violência na escola.

ABSTRACT

This work is an excerpt from the research and outreach project "Fala Jovem" (Youth Speaks), on violence in schools, conducted with first-year high school students at the Israel Pinheiro State School in Governador Valadares. The objective is to reflect on how gender, as a social marker of difference, emerges in the discourse of young participants in the project. The ongoing project presents a theoretical framework on violence in schools and youth, as well as other discussions that permeate school violence and may be or impact social markers of difference. Using an action research methodology, data collection takes place through workshops, using didactic and pedagogical strategies that allow participants to express themselves. At the end of each workshop, a questionnaire assessing participants' perceptions of the workshop and the topic discussed is administered. When expressing themselves in the discussion groups, regardless of the topic, gender issues emerge both in their discourse and in the dynamics they experience. When addressing issues of behavior, aesthetics, and cultural repertoire, young women

demonstrate greater knowledge and argumentative skills than young men. It is still premature to draw conclusions about these observations; however, the women's statements demonstrate a greater critical awareness of gender-imposed standards, highlighting resistance and legitimization strategies.

Keywords: Gender, Youth, School Violence.

Introdução

Este estudo é um recorte do projeto de pesquisa e extensão “Fala Jovem”, sobre violência na escola, realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Israel Pinheiro, em Governador Valadares (MG). O objetivo desse recorte é refletir como gênero, enquanto marcador social da diferença, surge nas falas dos jovens, durante as oficinas da primeira fase do projeto, e se coloca (ou não) como um desafio para a educação escolar.

O projeto “Fala Jovem”, ainda em andamento, está estruturado em estudos teóricos sobre educação escolar, violência na escola e juventude, além de outras discussões teóricas das temáticas que perpassam a violência escolar e podem ser ou impactar marcadores sociais da diferença. Contudo, neste recorte especificamente, nossa ênfase teórica será em torno da educação para a diversidade e as relações de gênero, e o debate dessa pauta na educação escolar.

Entre outras ações e metodologias, o projeto tem sua primeira fase realizada no período de 08/04 a 09/09/2025 por meio de oficinas temáticas, utilizando estratégias didático-pedagógicas que oportunizam a expressão (fala) dos jovens participantes. As oficinas abordam temáticas que impactam ou são impactadas por violências diversas – física, simbólica, material, etc. –, produzidas em sociedade e que se reproduzem na escola. Para a realização das oficinas foram definidos nove temas, nesta ordem: saúde mental, tecnologias e redes, meio ambiente, racismo, sexualidade, gênero, ensino superior, empregabilidade, deficiências. Contudo, este estudo se limitará a analisar os atravessamentos de gênero que emergiram nas seis primeiras oficinas, ou seja, até a sexta oficina que pautou a temática de gênero.

A escola campo possui cinco turmas de 1º ano do Ensino Médio, e todos os estudantes dessas cinco turmas foram convidados a participar do projeto, porém nem todos aderiram. Os estudantes que se dispuseram a participar foram organizados em três grupos: A, B e C. Foi feito um rodízio entre os grupos participantes e para cada grupo foram definidas três oficinas, da seguinte forma:

Grupo A – Saúde Mental (08/04), Racismo (26/05) e Ensino Superior (12/08)

Grupo B – Tecnologias e redes (29/04), Sexualidade (03/06) e Empregabilidade (26/08)

Grupo C – Meio Ambiente (13/05), Gênero (01/07) e Deficiências (09/09)

Com uma metodologia de pesquisa-ação, a proposta é desenvolvida por meio de oficinas e articula dinâmicas participativas, produções coletivas e questionários de percepção, constituindo espaços de escuta e expressão dos jovens participantes. Em cada oficina são utilizadas diferentes estratégias de problematização. Essa problematização é sempre realizada por um convidado externo, ou seja, que não pertence ao grupo de pesquisa e que seja especialista na temática abordada. Após a problematização são solicitadas produções dos estudantes, de acordo com o tema trabalhado, como desenhos, textos, vídeos, que também geram dados para a pesquisa. Em seguida, é sempre realizada uma “roda de conversa”, conduzida pela equipe de pesquisadores em que novos dados emergem do diálogo com os jovens. Ao final de cada oficina é aplicado um questionário padrão abordando a existência de conflitos na escola envolvendo a temática trabalhada, e como cada jovem vivencia ou já vivenciou “aquela” violência.

O texto a seguir está estruturado em duas seções, sendo a primeira uma discussão teórica para pensar a educação para a diversidade e as relações de gênero. A segunda seção traz relatos das oficinas e busca estabelecer conexões entre as demandas apontadas pelas oficinas e a discussão de gênero e de educação,

subdividindo-se em seis subseções, cada uma tratando de uma oficina especificamente.

Gênero na educação escolar

A educação para a diversidade e contra as violências de gênero passa por uma proposta pedagógica que traz as relações de gênero para os currículos escolares. Essa educação, como a ideia da educação feminista de Hooks (2018), tem por objetivo desconstruir pré-conceitos e contribuir na construção de identidades. Pensar essa educação como educação para as relações de gênero dialoga com Joan Scott (1995) ao elaborar sua compreensão de “gênero” enquanto uma “categoria útil de análise histórica”. A autora alerta para a história das palavras e reconhece a conotação relacional do termo “gênero” que define os estudos sobre homens e mulheres nas relações generificadas.

Importante lembrar que não se trata de uma leitura binária, mas do reconhecimento da diversidade de gênero expressa nessas relações.

Para Meyer¹ (2008) o conceito de gênero nos afasta das concepções limitadoras do feminino e masculino, dos papéis sociais de homem e mulher, para uma visão muito mais ampla dos atravessamentos e representações que acabam por constituir feminilidades e masculinidades. Nossa sociedade heteronormativa e excludente “define” ser homem e ser mulher, atribuindo papéis sociais por concepções binárias pautadas sobre a ideia da existência do “sexo biológico”, uma ideia pautada no determinismo biológico. (OLIVEIRA, 2023, p. 24)

E essa compreensão que está na estrutura social não marca apenas as limitações do binarismo, mas também a hierarquização da própria diversidade de gênero, ainda que paradoxalmente esta não seja reconhecida. Scott (1995) afirma que a própria história do pensamento feminista é da desconstrução dessa hierarquia entre masculino e feminino. Levado ao contexto da educação, essa desconstrução, que é não binária, que é da diversidade de gênero, traz os estudos feministas e estudos de gênero como necessários ao currículo para superação das opressões nas relações sociais de gênero.

Uma educação em gênero se integra a uma educação para todos, todas e todes, voltada ao combate de hierarquias de gênero, preconceito e violência. Uma proposta curricular para educação básica deve passar pela problematização ao patriarcado branco e capitalista, entendendo a indissociabilidade entre gênero, raça e classe. Essa fusão proposta por Lugones (2014) constitui o pensamento feminista decolonial, uma vez que “Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele [...]” (LUGONES, 2014, p. 949), onde essas questões estão emaranhadas e se reconhecem. Ao assumir o debate de gênero nessa perspectiva, este amplia-se e integra as interseccionalidades dos diversos movimentos sociais das chamadas minorias. Segundo Crenshaw (2002) a interseccionalidade faz uma leitura das dinâmicas de interações entre dois ou mais fatores de opressão que sustentam estruturas sociais.

Uma educação que pauta as opressões e suas interseccionalidades, pela redução dos conflitos e violências no espaço escolar e na sociedade, poderá efetivamente contribuir para o desenvolvimento de identidades de jovens mais saudáveis.

Identidade e diferença guardam conexão com o regime de heteronormatividade, entendida como norma que articula as noções de

¹ MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa). Esse modelo, binário e dicotômico, é entendido como natural e para muitos parece estar na “ordem das coisas”, o que faz com que indivíduos que não se reconheçam nele sejam percebidos como doentes, desviantes, perturbados, transtornados, pecadores etc. (SEFFNER, 2013, p. 150)

Esse controle social que normatiza as experiências se perpetua exatamente por uma educação que cuida de manter a colonialidade presente nas estruturas sociais. Ouvir e dialogar sobre as relações de gênero são estratégias para romper com essas violências que adoecem e excluem.

Os atravessamentos nas oficinas

Ao se expressarem nas rodas de conversa das oficinas, ainda que as temáticas trabalhadas sejam outras, os jovens acabam por tangenciar as questões de gênero, tanto nas falas quanto nas dinâmicas vivenciadas. O aparecimento das pautas de gênero confirma inseparabilidade decolonial entre gênero, raça e classe (LUGONES, 2014), e evidencia as interseccionalidades entre as estruturas de opressão (CRENSHAW, 2002), sobretudo no olhar pesquisador que busca gênero enquanto uma categoria de análise (SCOTT, 1995).

As jovens, ao abordar questões de comportamento, estética e repertório cultural, apresentam maior conhecimento e capacidade de argumentação dos que os jovens. Elas não apenas verbalizam percepções, como também trazem dados e exemplos concretos para sustentar as falas, demonstrando inclusive que leem e refletem sobre o tema. Esse movimento suscita questionamentos como: estariam tentando validar seus argumentos por não se enquadrarem em padrões hegemônicos? Ou, por serem mais impactadas socialmente, exatamente pela questão de gênero buscam mais informações, trazendo-as ao debate?

Como o projeto de pesquisa e extensão está ainda em sua primeira fase, é precoce tentar responder essas questões, que em uma segunda fase da pesquisa, ganharão profundidade mas, algumas reflexões já se fizeram possíveis. Para a próxima fase, a realizar-se em 2026, serão selecionados alguns e algumas jovens participantes para o desenvolvimento de um grupo focal. A seguir será apresentado como em cada oficina a temática gênero atravessou falas, participações e dinâmicas. Por ser uma metodologia de pesquisa-ação, de um projeto de pesquisa e extensão, as oficinas não apenas coletam dados, mas interferem no campo, desempenhando também um caráter formativo. Como o objetivo desse recorte é refletir como gênero surge nas falas dos jovens durante as oficinas, para entender como se colocam ou não enquanto desafios a uma educação para as relações de gênero, não serão utilizados para análises nesse momento, os questionários aplicados ao final de cada oficina.

Oficina 01 - Saúde Mental

Ao chegar na sala para a primeira oficina, os 19 estudantes do grupo A encontraram as carteiras dispostas em círculo e sentaram-se, sem nenhuma orientação dada pelo grupo de pesquisadores, dividindo alunos e alunas em lados opostos da roda. Os 11 jovens do sexo masculino sentaram-se em sequência, do lado direito da sala, enquanto as meninas sentaram-se do outro lado.

Era notória a diferença na interação de meninas e meninos com os pesquisadores e demais participantes. Os rapazes mostravam-se mais inquietos e ao mesmo tempo mais calados na conversação da roda, enquanto as moças demonstravam mais abertura em abordar o tema. Contudo, todos foram participativos e interessados na pauta do encontro. As meninas abordaram temáticas sensíveis, como no caso da estudante que narrou um episódio de automutilação:

“Depois que meus pais se separaram eu comecei a me automutilar, não tenho amigas”.

Em conversas paralelas entre elas, as meninas falaram ainda da violência de identidade de gênero como fator para o adoecimento em saúde mental, ao afirmar a dificuldade com rótulos depreciativos quanto à sua sexualidade. Já os meninos não chegaram a ficar à vontade para expressarem situações de isolamento social e violência ou bullying como as meninas. Possível reflexo dos papéis e rótulos de gênero consolidados no patriarcado, em que as sensibilidades e o “falar de si” são expressões consideradas femininas, adequadas somente para mulheres.

Nesta oficina foi realizada uma atividade que dividiu os estudantes em subgrupos, pedindo que expressassem por meio de desenhos questões de violências presentes na escola, que impactam a saúde mental. Um grupo só de meninas apresentou o desenho dizendo que se tratava de violência verbal nas relações de gênero dentro da escola. Nos demais relatos explicando os desenhos, a pauta de gênero apareceu na interseccionalidade com outras violências, porém não exatamente como a questão central.

Já na primeira oficina foi possível perceber que, para aquele grupo de jovens estudantes do 1º ano do Ensino Médio, há demandas de uma educação para as relações de gênero.

Oficina 02 - Tecnologia e Redes

Durante as discussões, surgiu o tema do compartilhamento de nudes, em relação a um episódio de violência utilizando as redes sociais, ocorrido com uma estudante da escola. Algumas meninas, em suas falas, demonstraram compreender que a colega que teve sua intimidade exposta não deveria ser responsabilizada pela violência sofrida. No entanto, também reforçaram a ideia de que “ela não deveria ter mandado”, reproduzindo, assim, um discurso que transfere parte da culpa à vítima.

Os meninos, de modo geral, apresentaram o mesmo posicionamento, reconhecendo o erro na exposição, mas reforçando a noção de que a responsabilidade estaria em quem enviou a imagem, dizendo frases do tipo “Bem-feito que ela saiu da escola, quem mandou compartilhar nudes”. Atitudes que revelaram uma dificuldade em problematizar a cultura do compartilhamento não consentido e em identificar a verdadeira violência: a quebra de confiança e a exposição pública de algo íntimo. Esses relatos evidenciam que, nos espaços de socialização mediados pelas tecnologias e redes, meninas e meninos constroem compreensões distintas sobre corpo, gênero e violência simbólica. Para o campo pedagógico, isso reforça a importância de investir em práticas educativas que promovam a escuta atenta, a valorização da diversidade e o desenvolvimento de uma consciência crítica, a fim de favorecer relações mais respeitadas, inclusivas e humanizadoras no ambiente escolar.

Na atividade em grupo, para produção de um conteúdo não violento para as redes sociais, um dos subgrupos desenvolveu um vídeo com a temática “ser diferente é ser normal”. A iniciativa ganhou um significado ainda mais profundo quando uma estudante que havia relatado vivenciar situações de bullying assumiu o papel principal na atividade.

A experiência possibilitou que os colegas não apenas refletissem sobre a violência dirigida a ela, mas também desenvolvessem um olhar mais empático. A dinâmica se mostrou um recurso pedagógico importante, pois promoveu não só a mudança de pensamento, mas também a valorização da voz da aluna, a legitimação de sua experiência e a transformação da postura dos demais em relação à colega afetada.

Oficina 03 - Meio Ambiente

Ao tratar do meio ambiente escolar como espaço de convivência e expressão, foi possível identificar diferenças significativas nas formas de violência simbólica presentes nos banheiros. Foi relatada a presença de inscrições nos banheiros femininos

com palavras ofensivas como “puta” e “piranha”, voltadas a insultar diretamente a figura feminina e reforçando estigmas de gênero que desvalorizam a mulher.

Já no banheiro dos meninos, as inscrições encontradas não se direcionavam ao próprio gênero, mas sim evocavam frases que instigavam a agressividade, a força física e comportamentos de enfrentamento, sem necessariamente carregar o mesmo peso de ofensa direcionada à identidade masculina.

Essa diferença evidencia como, mesmo dentro do espaço escolar, as marcas de gênero se manifestam de maneira desigual: enquanto as meninas são atingidas por ofensas que afetam sua imagem e sexualidade, os meninos lidam com mensagens que reforçam estereótipos ligados à virilidade e ao comportamento violento legitimado aos homens.

Oficina 04 - Racismo

Quando o tema abordado foi o racismo, a diferença de repertório entre meninos e meninas também se fez presente. Muitos meninos demonstraram dificuldade em identificar manifestações racistas, sobretudo quando aparecem mascaradas como entretenimento ou brincadeiras, mesmo sendo eles próprios jovens negros. Já as meninas, em suas narrativas, mostraram maior clareza e criticidade, trazendo reflexões sobre como a mulher negra é, muitas vezes, invisibilizada ou representada de forma negativa na sociedade. Uma das estudantes falou que para a sociedade: “ah, a mulher preta é suja e feia; a branca é a bonita e sempre elogiada”.

Na interação com asicineiras/pesquisadoras, as jovens também conseguiram pontuar sobre o cabelo como uma questão complexa e relevante ao pensar a questão das meninas negras na escola e o preconceito sofrido desde muito pequenas em relação ao cabelo crespo. Entre outras violências, a chacota ao cabelo das meninas é frequente. Ao serem interpeladas pelasicineiras/pesquisadoras sobre o porquê as pessoas riem, três alunas responderam:

- Para menosprezar.
- Criam piadas, mas não tem graça
- Deixar de forma leve o que não é leve.

Em subgrupos foi solicitado que falassem entre si sobre as experiências de violência vivenciadas na escola quanto ao racismo. Nesse momento, em grupos menores, alguns meninos começaram a refletir sobre as brincadeiras, apelidos e xingamentos entre eles e identificar que alguns poderiam ser racismo. Um desses subgrupos, composto por três meninos e uma menina, mostrou certa resistência em admitir que há uma violência explícita nesse comportamento pautado por relações de gênero. Contudo, a menina presente no grupo foi se mostrando constrangida com o apelido que diziam (e riem) ser dela e acabou por verbalizar o quanto aquilo a feria e era violento com ela. Ainda que não tenha conceituado, a estudante ao se posicionar, expressou as interseccionalidades de gênero e raça.

Nos diversos subgrupos surgiram discussões que identificaram não apenas o racismo, mas também a gordofobia e a homofobia. Os movimentos reforçaram a inseparabilidade e interseccionalidade presentes nas estruturas sociais de opressão que se reproduzem nas escolas. De modo geral, as falas dos jovens predominaram com o entendimento de ver episódios de racismo com naturalidade ou como brincadeira, enquanto nas falas de muitas das jovens ficava evidente a compreensão que são episódios de racismo. Elas identificam ainda que essas violências podem afetar a saúde mental.

Oficina 05 - Sexualidade

Essa foi a oficina que despertou maior interesse e participação dos jovens. Quando o tema abordado foi a sexualidade, observou-se uma diferença significativa nas posturas de meninas e meninos. Foi possível perceber a reprodução de machismo e

misoginia nos discursos dos meninos, e corroborados pelas meninas. As falas às vezes em tom de brincadeiras reforçaram preconceitos e sinalizaram a permanência de violências sobre corpo, redes sociais e a reafirmação da prática sexual na adolescência. As meninas, em sua maioria, demonstraram maior retraimento e cautela ao se expressar, enquanto os meninos trataram o assunto com mais descontração, muitas vezes recorrendo ao riso como forma de lidar com a temática. Havendo, especificamente nesta oficina, uma inversão: enquanto nas demais oficinas as meninas falavam mais, nesta foi a vez dos meninos serem mais participativos.

As meninas demoraram um pouco mais a falar, provavelmente reflexo da opressão que as mulheres sofrem sobre sua sexualidade, mas, mantinham conversas paralelas, em baixo tom de voz, para que os demais não ouvissem. Quando eram feitos questionamentos, as meninas respondiam entre elas. Havia quase que um silenciamento das jovens sobre a temática, ou ao menos não tinham a mesma “voz” que os meninos. Eles, no entanto, em certos momentos faziam falas com tons de afrontamento, sugerindo uma intenção em escandalizar e autoafirmar. As diferentes posturas de meninos e meninas pareciam refletir como a sexualidade produz poder e é uma construção social enviesada por tabus ainda mais intensos em relação às mulheres.

Outro ponto identificado foi a dificuldade dos meninos em discernir entre o que pode ser considerado elogio e o que configura assédio. Falas do tipo “As meninas gostam de ser chamadas de gostosas” evidenciaram a necessidade de um trabalho pedagógico voltado para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre respeito e limites nas relações interpessoais.

As meninas, por sua vez, relataram situações ocorridas no recreio, nas quais alguns meninos se posicionavam em locais estratégicos para observar e comentar sobre seus corpos, atribuindo-lhes significados sexualizados. Essa prática foi reconhecida pelas alunas como uma forma de violência, que impacta diretamente seu bem-estar no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, elas relataram situações de xingamento e desrespeito entre elas mesmas.

Essas observações reforçam a importância de inserir, no cotidiano escolar, ações educativas que problematizem questões de gênero e sexualidade de forma responsável, possibilitando que os estudantes compreendam o valor do respeito, da empatia e da convivência saudável.

Oficina 06 - Gênero

Evidentemente a oficina específica para a temática de gênero intensificou o debate. O encontro também teve boa participação e envolvimento dos estudantes, embora não tanto quanto a oficina anterior. Novamente as jovens se destacaram na compreensão sobre violência em relação à temática discutida. E não apenas nas questões relacionadas ao binarismo macho-fêmea, mas à diversidade e relações de gênero. No início da oficina foram trabalhados conceitos diversos ligados aos estudos de gênero como: machismo, feminismo, misoginia, homofobia, masculinidade tóxica, entre outros. Muitos deles desconhecidos pelos estudantes ou com compreensões distorcidas. E mesmo quando sabiam ou compreendiam os conceitos, reproduziam ideias machistas, na maioria das vezes utilizando a religião para justificar preconceitos e violências de gênero.

Na sequência foram disponibilizadas algumas frases tóxicas ligadas aos preconceitos de gênero presentes nas estruturas sociais para que os jovens escolhessem e comentassem, manifestando discordâncias ou anuências ao que estava escrito. Nessa dinâmica foi possível capturar alguns posicionamentos interessantes, mas também muitas repetições de discursos machistas e misóginos. Ao longo da roda de conversas foram reproduzidas pelos meninos frases como “Eu não fico com menina rodada”; “Mulher que veste roupa de homem não tem como aceitar”.

Junto a frases e expressões não tão marcadas por épocas e gerações mais longínquas, foram colocadas também algumas que não são tão comuns entre os jovens

dos anos 2025, como: “Mulher no volante, perigo constante” ou “Mulher molha a barriga no tanque e seca no fogão”. Imaginou-se que talvez já não fossem validadas, mas alguns jovens escolheram essas afirmativas e reforçaram esses preconceitos. Durante o debate sobre as frases, expressões como “rodada” e “galinha” mobilizaram o debate e as reflexões do grupo, fazendo contrapontos nos discursos sociais sobre homens e mulheres.

Foi notório o quanto as meninas conseguem perceber as violências de gênero enquanto os meninos as naturalizam. Muitas vezes, enquanto as jovens falavam, os jovens teciam comentários machistas e misóginos entre eles, contrapondo as falas delas, inclusive pautados por aspectos religiosos. A questão do assédio também apareceu de forma naturalizada, imprimindo essa compreensão no comportamento da vítima, que segundo alguns jovens, gosta de ser assediada. Nos momentos dessas falas, muitas meninas demonstraram ansiedade. Mas mesmo entre elas apareceram questões machistas justificadas pelas questões religiosas.

Novamente nesta oficina, as meninas falavam mais que os meninos. Possivelmente, pelo recorte das violências de gênero e suas interseccionalidades, sofridas por elas, as meninas demonstram melhor conceitualização e compreensão dos processos, fazendo posicionamentos firmes e relevantes. A educação para as relações de gênero se mostra fundamental para que essas dissonâncias possam ser equalizadas. E mesmo entre as meninas ela se faz urgente e necessária.

Considerações finais

A perspectiva interdisciplinar do projeto “Fala Jovem”, envolvendo Educação, Psicologia, Sociologia e Saúde, possibilita compreender a violência escolar como fenômeno complexo, estruturado por marcadores sociais da diferença. Os relatos e expressões das e dos jovens participantes expõem como discursos machistas atravessam o cotidiano escolar, ao mesmo tempo em que algumas jovens reagem criticamente, denunciando preconceitos e exigindo respeito.

As falas femininas evidenciam mais consciência crítica sobre padrões impostos a gênero, apontando resistências e estratégias de legitimação. Isso reforça a necessidade de considerar o recorte de gênero nas discussões sobre violência escolar. E embora ainda seja precoce uma conclusão mais aprofundada sobre essas falas das e dos jovens, o projeto já permitiu uma leitura sobre como gênero e suas interseccionalidades configuram-se desafios para a educação escolar.

Durante a investigação, foi possível perceber que as meninas demonstraram maior sensibilidade e repertório crítico ao refletirem sobre situações de violência simbólica direcionadas ao corpo. Em suas falas, ressaltaram a importância do respeito às diferenças e à valorização da diversidade, como se observa na afirmação feita por uma das participantes: “a pessoa não pode falar do corpo da outra de forma desrespeitosa”.

Os meninos, por sua vez, apresentaram uma compreensão mais restrita e, em muitos casos, marcada por uma visão simplificadora, expressa em colocações como: “ela é gorda, é só emagrecer”. Esse tipo de discurso evidencia uma dificuldade maior em reconhecer os impactos emocionais e sociais que as falas depreciativas podem gerar, revelando a necessidade de ampliar o diálogo sobre empatia e acolhimento nas práticas pedagógicas.

As jovens participantes também demonstraram preconceitos de gênero, por mais que tenham vivências das violências sofridas pelo machismo e misoginia. Entre elas, segundo as próprias participantes, também ocorrem violências de gênero. Os atravessamentos de gênero nas oficinas reforçaram a necessidade de uma educação para reduzir violências e consolidar identidades formando jovens mais saudáveis.

Referências

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da

discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

HOOBS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. (ISBN 978-85-01-11607-9 - recurso eletrônico).

LUGONES, MARÍA. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro, 2014.

OLIVEIRA, Renata Greco de. **CONFLITOS SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO NO CURRÍCULO ESCOLAR**: O caso da cidade de Governador Valadares (MG). Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC): UFSC, 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução de Juliana Araújo Lopes: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004. p.1-8 por Juliana Araújo Lopes.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. v. 20 (2), jul-dez, 1995.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013. Acesso em: 05/04/2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013000100010>